

**LITERATURA E IDENTIDADE: O PLURAL E O HÍBRIDO NA NOVELA O ASSOBIADOR, DE ONDJAKI**

*Karine Miranda Campos<sup>1</sup>*

**RESUMO**

O escritor angolano, Ondjaki, ao criar a novela *O Assobiador* apresenta ao leitor uma experiência repleta de elementos mágicos e insólitos, cuja compreensão perpassa os conceitos de civilização e de representação da realidade apresentados por Sigmund Freud em obras como *O Mal-estar na Civilização* e *Totem e Tabu*. O presente ensaio visa contribuir com a aplicabilidade do conjunto de medidas e ações desenvolvidas pelo governo federal brasileiro que tem o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações, promover a inclusão social e a cidadania; mais precisamente com a aplicação da lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da cultura Afro-Brasileira em diversas disciplinas do ensino básico e fundamental. A partir da constatação histórica de que grande parte dos africanos que contribuíram para a formação da cultura do povo brasileiro tenha sido de origem angolana e moçambicana, nossos estudos focalizam-se em textos produzidos nessa região. Reconhecendo na literatura não apenas um “instrumento consciente de desmascaramento” conforme define Antônio Candido (1995), no ensaio *Direito à Literatura*, mas um instrumento de autoconhecimento indispensável para a formação do indivíduo em sua complexidade. Pretendemos analisar através da novela *O Assobiador*, do escritor angolano Ondjaki, fragmentos que representem o posicionamento do homem moderno frente à tradição.

**Palavras-chave:** Sociedade. Representação. Mitos. Identidade.

## INTRODUÇÃO

A novela *O Assobiador*, de Ondjaki, narra a história de uma pacata aldeia interiorana que tem sua rotina alterada com a chegada de um misterioso forasteiro, cujo assobio provoca reações epifânicas em quase todos os moradores. O autor remete-nos a um universo misterioso onde a realidade e a fantasia se mesclam em um texto de desfecho surpreendente. A indeterminação da localidade da aldeia funde-se com a indeterminação da identidade do forasteiro de quem só se sabe ser detentor de um mágico assobio. A atmosfera luminosa e ampla da aldeia contribui para a essência fantástica da obra. O leitor é mergulhado em um ambiente insólito de mistério e magia que estimulam os processos de simbolização na tentativa de preencher os vazios do texto.

O *Assobiador*, protagonista homônimo da obra, envolve todos aldeões com seu assobio. O transe provocado pelo som de seu assobio apresenta uma crescente influência na comunidade. Inicialmente o assobio provoca a imobilidade do corpo e o estado de sonambulismo, evoluindo para um despertar erótico generalizado. O estranhamento provocado pelo assobio do protagonista não mexe apenas com os personagens, mas principalmente com o leitor que efetivamente é convocado a utilizar os sentidos – auditivo e visual – para alcançar o inalcançável mistério do texto. Observaremos o fator fantástico instaurado pela chegada desse forasteiro que altera a rotina da aldeia com seu assobio. “A música, em assobio simples, recriava um novo universo dentro da paróquia e todos os corações da assistência – padre, pombos, andorinhas, o mundo! – revestiam-se de uma nova coloração carnavalesca: uma interna celebração (ONDJAKI, 2002, p.18)”.

Apesar de reconhecermos a evidente importância do *Assobiador* na narrativa é impossível não destacarmos outros elementos insólitos na obra como a presença da misteriosa Dissoxi e do inusitado KaLua que tem o estranho hábito de defecar ao ar livre.

Dissoxi era moça vinda não se sabe de onde. Guardava quantidades excessivas de sal em sua casa e sempre que alguém precisasse ela ofertava, de bom gosto, a substância salina. Era jovem, mansa, bela. Tinha cabelos compridos, despenteados, e a voz rara de ser ouvida: era

poupadíssima nas palavras. Um mistério em forma de mulher. (ONDJAKI, 2002, p.25)

Ondjaki apresenta em sua obra mais um estranhamento ao leitor – o comportamento paradoxal da aldeia que se perturba com o som de um assobio, mas age com naturalidade frente ao homem que não utiliza o banheiro para saciar suas necessidades fisiológicas. KaLua é apresentado como um homem louco, marginalizado que “gostava de assistir às missas, mas que não parava quieto (ONDJAKI, 2002, p.22)”; no desenrolar da narrativa o autor nos apresenta o trágico acidente que transformou seu comportamento:

Sonhou que estava na sua antiga casota reduzida a cinzas, que era de manhã, e que ele caminhava calmamente sobre as réstias fumegantes do que fora o seu lar, a sua família. As lágrimas caíam-lhe verticalmente (pois claro!), embatendo nas cinzas com a violência débil que caracteriza a potência de uma lágrima. (ONDJAKI, 2002, p.74)

A reação dos aldeões em relação ao personagem KaLua e em relação ao som do assobio do forasteiro transparece a incoerência intrínseca ao comportamento humano. De um lado, a falta de estranhamento ao hábito de defecar no mato e, do outro lado, a perplexidade provocada pelo Assobiador. Os velhos, que eram maioria na aldeia, apesar de não concordarem com a execução da música assobiada dentro da igreja apreciam-na de forma velada.

Aproximavam-se o máximo que podiam da igreja, mas receavam fazer barulho; pareciam espreitar, com os ouvidos, uma melodia capitalmente proibida pela Inquisição; pareciam olhar pela fechadura uma cena de explícito sexo; sorriam uns para os outros, numa extenuante mistura de prazer e receio. (ONDJAKI, 2002, p.59)

Esse contraditório comportamento está ligado aos dogmas que regem a sociedade e as circunstâncias a que somos submetidos constantemente em nosso contexto social. A compreensão desses fatores perpassa a concepção da formação e função do tabu e da civilização apresentada por Freud.

À luz das teorias pretendemos analisar o insólito episódio narrado no final da novela de Ondjaki – a balbúrdia sexual, instaurada pelo hipnótico assobio do forasteiro, que envolve os personagens. O estranhamento do leitor não é provocado apenas pela energia arrebatadora do som assobiado responsável por

cenar insólitas e inesperadas de sexo, mas também pelo local que o evento é iniciado – dentro da Igreja. O autor aborda tabus de diferentes ordens, colocando em cheque os fatores sociais e culturais que determinam nossa visão de realidade.

### **A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM O ASSOBIADOR**

A concepção do termo estética sofreu inúmeras transformações desde sua origem, inicialmente, Platão e Aristóteles utilizaram o estético para designar o belo e o harmônico. Atualmente, sua definição lexical permanece sendo definida como a filosofia destinada ao estudo do belo e da beleza artística. Os estudos sobre a estética estão intrinsecamente vinculados aos estudos da arte. Estética não está somente ligada à arte ou à beleza, mas a tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos, ou aquele que é dotado de sensação. A experiência estética, por sua vez, é caracterizada pelo encontro entre o homem e o universo natural e artístico. Momento em que o homem entra em contato com a natureza e interage, recriando-a, explicando-a, antecipando-a, subvertendo-a, ou simplesmente apreciando-a. A experiência estética é, por excelência, uma experiência subjetiva. Assim, a experiência estética é resultado do conhecimento e da visão de mundo de cada indivíduo.

A arte constitui a linguagem humana desde sua origem mais remota, pois na criação artística o homem torna sua realidade mais leve, resignificando as coisas e descobrindo perspectivas diferentes acerca da sua própria realidade. A arte é responsável pela mudança de postura do homem em relação ao tempo, nela e por ela o homem desafia sua própria brevidade existencial. O prazer provocado pela apreciação da arte é único e irrepetível, cada interlocutor reage de forma diferente ao contato com os universos natural e artístico. O sentir estético possui um caráter não apenas conceitual, mas experiencial. Ligada à experiência estética estão às concepções que temos de belo, apreciável, aceitável, etc. O juízo é o último grau do gozo estético e com ele qualificamos o objeto estético. Ele manifesta a nossa intencionalidade de agirmos: valorar, ou a beleza natural, se

trata de um objeto estético da natureza, ou a beleza da obra de arte, se trata de um objeto estético artificial.

A compreensão do belo está vinculada ao conceito cultural que permeia a sociedade em que estamos inseridos. Em *O mal-estar na civilização*, Sigmund Freud, afirma que a civilização se forma a partir do momento em que se instaura a proibição do incesto. Entorno das proibições impostas pelos tabus o homem civilizado organiza questões das mais variadas ordens: religiosas, comportamentais e sociais, tornando a vida na sociedade humana cada vez mais complexa e dicotômica. Ao questionar os padrões avaliativos dos homens o autor afirma que comumente o ser civilizado valoriza fatores como poder, sucesso e riqueza, deixando de lado o que realmente é importante na vida.

No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objetivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles. Contudo, devido não só às discrepâncias existentes entre os pensamentos das pessoas e as suas ações, como também à diversidade de seus impulsos plenos de desejo, as coisas provavelmente não são tão simples assim. (FREUD, 1980. p.81)

Inferimos, com isso, que a definição do belo e do artístico é influenciada por fatores que não pertencem exclusivamente ao universo individual, pois, segundo Vigotski a subjetividade do sujeito é constituída a partir do outro. A concepção de subjetividade como fator social é determinante para que se possa compreender a experiência estética constituída na leitura da obra de Ondjaki. A proibição do ato incestuoso é segundo Freud um dos primeiros tabus que regulamentam e normatizam o processo civilizatório. Freud, em *Totem e Tabu*, afirma que o conceitual relacionado ao termo tabu possui correspondência em diferentes culturas com diferentes terminologias – sacer para os antigos romanos, kadesh para os hebreus, ayos para os gregos. O tabu é admitido como algo “inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições (FREUD, 1995, p.37)”. Segundo o teórico, as restrições estabelecidas pelos tabus não

possuem explicações ou fundamentos conhecidos, mas são aceitos como naturais pela sociedade. Os tabus possuem diferentes objetivos.

[...] à proteção de pessoas importantes – chefes, sacerdotes, etc. – e coisas, contra o mal; a salvaguarda dos fracos – mulheres, crianças e pessoas comuns em geral – do poderoso mana (influência mágica) de chefes e sacerdotes; a precaução contra os perigos decorrentes do manuseio ou entrada em contato com cadáveres, ingestão de certos alimentos, etc.; a guarda dos principais atos da vida – nascimento, iniciação, casamento e funções sexuais etc. contra interferências; a proteção dos seres humanos contra a cólera ou poder dos deuses e espíritos; a proteção de crianças em gestação e de crianças pequenas que mantêm uma ligação especialmente forte com um ou ambos os pais, das conseqüências de certas ações e mais especialmente da comunicação de qualidades que se supõem derivar de certos alimentos.[...] o próprio tabu violado se vingava.(FREUD, 1995, p.38)

Sendo assim, os tabus regem a sociedade, dificultando a abordagem explícita de alguns assuntos como, por exemplo: a violência, a religiosidade, a sexualidade, o consumo de drogas, etc. Toda vez que abordamos assuntos dessa ordem instauramos certo desconforto social, pois incitamos a reflexão sobre temas tidos como proibidos. A partir dessa concepção é possível compreendermos o estranhamento provocado na presença do personagem KaLua e seu costume de *cagar* (sic) no mato. Se considerarmos o *cagar* como ato fisiológico o desconforto é provocado sobremaneira no interlocutor, cuja cultura pressupõe que as necessidades fisiológicas sejam realizadas em ambiente privado, pois para os demais personagens KaLua não passa de um homem de memória desequilibrada. A normalidade com que os aldeões encaram o estranho hábito do personagem nos permite inferir que a percepção que temos de normalidade esteja diretamente vinculada as diferentes situações a que somos expostos em nosso cotidiano. A normalidade do comportamento dos aldeões frente ao hábito de KaLua não representa a aceitação desse hábito da personagem, mas a banalização do comportamento da personagem.

O episódio que envolve a morte de Dona Rebenta, mulher de saúde fragilizada pela avançada idade, aproxima em muito da concepção freudiana no que cerne a percepção de prazer do ser humano. “Somos feitos de modo à só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (FREUD, 1980, p.95)”. Sábado pela manhã, o

padre é chamado às pressas pelos anciões da aldeia para realizar a extrema unção de Dona Rebenta. Pela segunda vez, a velha recebe o padre para encaminhar sua alma, mas ao invés de morrer ela parece revigorar-se a cada extrema unção recebida. O padre convida a anciã a comparecer a missa de domingo. A frágil saúde de Dona Rebenta não lhe permitia sair da cama, por isso o padre designa alguns aldeões para que a carreguem com cama e tudo à igreja. “A velha falecera num estranho êxtase durante a missa do dia anterior, caracterizado o êxtase, por uma espécie de espasmo final durante o qual se agarrou à cama de modo inseparável (ONDJAKI, 2002, p.86)”. A inevitável e nem tão temida morte acontece, aparentemente, depois de um momento de extremo prazer que inusitadamente ocorre dentro da igreja. A morte e o prazer, questões comumente dicotômicas, emergem como complementares na novela.

Outro fator intrigante na obra de Ondjaki é a religiosidade vinculada à igreja, inicialmente, o que seria uma instituição católica convencional em estrutura e dogmas (com a presença de um padre que ministra a extrema unção), transforma-se em um ambiente onde a dança, a música, a presença de animais e de produtos alimentícios remete-nos ao culto africano. O Assobiador parece instaurar uma nova atmosfera à cerimônia, transformando o ritual católico em um ritual ecumênico. “A imagem clorífica dos cestos e da variedade gastronômica dos artigos nos seus interiores marca definitivamente o que foi a alteração anímica da multidão ali presente (ONDJAKI, 2002, p.96)”. Nele se hibridizam elementos pertencentes à ritualística católica e africana. A instauração da dança rebita<sup>1</sup> na cerimônia dá início a orgia que as personagens protagonizam. “Domingo foi, literalmente, um dia enconado, em tudo o que o termo possa oferecer de excesso, sexo, beleza, tragicomichosidade, encantamento, iniciação, desgosto, surpresa, redescoberta, suor. E amor (ONDJAKI, 2002, p.93)”.

Apesar de existirem similaridades nos mitos de diferentes regiões, cada grupo cultural possui suas próprias leis que regem as relações sociais em todos os seus segmentos. A relação do povo africano com sua mitologia transcende o caráter religioso e perpassa todas as atividades sociais. Para o sul africano Harry Garuba, os elementos da ordem mágica e fantástica inclusive com a personificação de elementos da natureza como pássaros, árvores, lagos e vento

não caracterizam a mesma atmosfera mágica que a teoria literária classificaria como realismo maravilhoso; mas sim o realismo animista.

A noite esteve tão morna que respirar deixou de ser uma sensação vulgar, mais aproximando-se a qualquer coisa como a ingestão gasosa de uma manga, o afagar aveludado de uma mão, ou a pele macia de um pêsego fresco. Dormir, deitado ou sentado, foi, nessa noite, uma divina penitência humana, um inesperado e inconsciente milagre premonizante e apaziguador numa oportunidade só. Um manto maravilhoso e invisível descaiu sobre a aldeia, e só pôde vivê-lo quem adormeceu: a aldeia toda. (ONDJAKI, 2002, p. 63)

Conforme podemos constatar em *Totem e Tabu*, o animismo está ligado à representação da alma e dos seres espirituais vinculados à formação dos mitos. Tais representações são concebidas como produto psicológico da consciência de onde se originam os mitos. A criação dos mitos, segundo Freud, está ligada à tentativa primitiva de explicar o mundo, ou à expressão espiritual do estado natural da humanidade.

O animismo, em seu sentido mais estrito, é a doutrina de almas e, no mais amplo, a doutrina de seres espirituais em real. O termo animismo também foi usado para indicar a teoria do caráter vivo daquelas coisas que nos parecem ser objetos inanimados e as expressões animismo e hominismo também são empregadas em relação a isto. (FREUD, 1995, p.87)

Fatores comuns no cerimonial africano tais como a dança, a música e o transe em que os crentes mergulham durante os processos de incorporação são inconcebíveis em uma cerimônia católica. O “transe” causado pelo assobio do forasteiro nos remete aos cerimoniais africanos em que seus participantes, muitas vezes, unificam-se com as divindades por meio da “incorporação” desses orixás<sup>3</sup>. O transe, segundo pesquisadores, é o fenômeno central e a razão de todo culto africano por meio do qual o crente liga-se ao divino. Em muitos casos o transe provoca a perda mais ou menos parcial da consciência, com persistência da motilidade e do automatismo. O psicanalista estudioso de questões africanas Raimundo Nina Rodrigues interpreta o transe religioso como uma espécie de hipnose.

É um estado mental em que o crente possuído, perdendo a consciência, é acometido de uma espécie de sono, semelhante ao sonambulismo. Há

uma diminuição de relação com o meio, com o ambiente, o que tem, assim como o sono, um sentido de regressão, com fantasias inconscientes de volta ao ventre materno. (RODRIGUES apud. LA PORTA, 1979, p.111)

Ainda que a religiosidade da obra seja um objeto, cuja análise aprofundada transcenda a aqui apresentada, existe outro elemento no texto que provoca o estranhamento no interlocutor. Os aldeões de todas as idades se entregam a uma orgia sexual sem precedentes, a partir de um assobio mágico. A descrição das cenas eróticas causa o estranhamento, muitas vezes, provocando o riso.

A velha despia-se com uma mão certa enquanto a outra rasgava as vestes do KoTimbalo. Nu, de viril prontidão. KoTimbalo via a dentadura de Dona Mamã sobrevoá-lo em direção à mesinha-de-cabeceira e, antes de poder reagir, sentiu-se mergulhado num mar de paz que lhe afogava os sentidos. O Coveiro perdeu o mapa da sua corporalidade, descobrindo prazeres e arrepios em partes do corpo que julgava inanimadas ou insensíveis. (ONDJAKI, 2002, p.106)

O riso do interlocutor está vinculado ao tabu que a sociedade estabeleceu no decorrer dos anos de repressão sexual. O desejo sexual principalmente o desejo sexual feminino, como fonte de prazer, foi duramente combatido pela igreja que defendia a relação sexual estritamente como forma de perpetuação da espécie. Sendo assim, a relação sexual entre pessoas idosas é algo inconcebível dentro do dogmatismo católico. Ainda hoje, os dogmas cristãos condenam a utilização de preservativos e posicionam-se radicalmente contra o aborto. O desconforto provocado no interlocutor é resultado dos tabus que regem e protegem a sociedade, ainda que nos tempos modernos. De acordo com a teoria freudiana, os tabus são regras estabelecidas para serem cumpridas sem questionamento; até por que não é possível encontrar suas justificativas. Tal colocação nos possibilita inferir que o injustificável desconforto social, geralmente, instaurado por temas como sexo é oriundo da relação estabelecida entre a humanidade e os tabus.

## **CONSIDERAÇÕES**

A riqueza estética que emerge da obra de Ondjaki vai muito além dos preceitos literários, religiosos ou culturais. Toda a inquietação provocada pelos temas abordados na narrativa, nessa e em qualquer outra narrativa literária, merece ser analisada cuidadosamente, pois nela, residem as concepções culturais conflitantes que determinam o juízo de valor que aplicamos em nosso cotidiano. A arte é responsável pelo surgimento e enfrentamento do drama e da consciência humana. A experiência estética é fundamental para o desenvolvimento dos estudos da ciência Psicologia. Constituem o artístico, além das questões estruturais, as faculdades de estranhar, refletir, refratar e questionar a natureza imposta pela ordem social.

Além da poeticidade narrativa decorrentes do rico universo metafórico e animista explorado pelo escritor angolano, é possível verificarmos uma reflexão quanto o agir e o sentir estético. “O Assobiador sonhou que a intensidade bélica do seu assobio encantava o mundo porque ele era nem mais nem menos do que o distribuidor enganoso e exclusivo que a tristeza arranjara para mostrar à Humanidade apenas a sua face bela (ONDJAKI, 2002, p. 65)”.

A compreensão acerca da experiência estética dá-se a partir do encantamento provocado pelo som do Assobiador. O assobio que remete os personagens a um transe epifânico através do qual os mistérios se esclarecem (como evidenciamos nos episódios de KaLua e Dissoxi), o transe que liberta os impulsos sexuais dos aldeões; é ainda o mesmo transe que envolve o leitor remetendo-o simultaneamente para dentro e para fora de sua subjetividade. Antônio Candido, em *Vários Escritos*, reconhece que a arte, principalmente a literatura, não apenas um “instrumento consciente de desmascaramento”, mas um instrumento de autoconhecimento indispensável para a formação do indivíduo em sua complexidade. Na análise da obra de Ondjaki é possível reconhecer a posição do discurso do homem moderno que o posiciona dentro de um discurso universal ao mesmo em que estabelece sua relação de pertencimento à tradição e cultura africana.

#### **LITERATURE AND IDENTITY: THE PLURAL AND THE HYBRID IN THE NOVEL THE WHISTLER, BY ONDJAKI**

## ABSTRACT

The Angolan writer Ondjaki, in his novel *The Whistler* presents the reader with an experience full of magical and unusual elements, whose understanding permeates the concepts civilization and representation of reality presented by Sigmund Freud in works such as *The Malaise in our Civilization* and *Totem and Taboo*. This essay aims to contribute with the applicability of a set of measures and actions developed by the Brazilian federal Government whose main goal is to correct injustices, eliminate discrimination, promote social inclusion and citizenship; more precisely through the applicability of law 10.639/2003 which makes compulsory the teaching of Afro-Brazilian culture in various disciplines of primary and secondary education. From the historical fact that most Africans who contributed to the formation of the culture of the Brazilian people have been from Mozambican and Angolan origin, our studies focus on texts produced in this region. Recognizing in literature not just a "conscious instrument of debunking" as defined by Antônio Candido (1995), in the essay *The Right to Literature*, but an instrument of self-knowledge essential for the formation of the individual in its complexity. We intend to parse through the novel *The Whistler*, by Angolan writer Ondjaki, fragments representing the positioning of modern man before tradition.

**Keywords:** Society. Representation. Myths. Identity.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Licenciada em Letras Português e Respectiveas Literaturas pela UniRitter, Mestranda PPGL/UniRitter.
- <sup>2</sup> Dança em roda, executada por pares, de modo lento. É acompanhada de batimentos de pé, e palmas. É muito usual na ilha de Luanda.
- <sup>3</sup> Os Orixás não são Deuses como muitas pessoas podem conceber como em outras religiões, mas sim Divindades criadas por um único Deus: Olorun (dentro da corrente Nagô) ou Zamby (dentro da corrente Bantu e das correntes sincréticas). Na Umbanda (de uma maneira geral, pois existem variações referentes às diversas ramificações existentes), os Orixás são cultuados como divindades de um plano astral superior, Aruanda, que na Terra representam às forças da natureza (muitas vezes confundindo-seaforçadanaturezacomopróprioOrixá).  
Fonte: <http://www.umbanda.etc.br/orixas/orixas.html>. Acesso em 07/06/2011, às 16h53min.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FREUD, Sigmund (1930). *Obras Completas de Sigmund Freud*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, Vol. XI p. 81-127.

LA PORTA, Ernesto M. *Estudo Psicanalítico dos Rituais Afro-Brasileiros*. RJ, SP: Ed. Atheneu, 1979.

ONDJAKI. *O Assobiador*. Lisboa: Ed. Caminho, 2002.